

A IMPORTÂNCIA DOS GRUPOS DE ESTUDOS E DE PESQUISAS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE DOS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA

Maria Suelayne Pedroza Cavalcante ¹
Dr^a Madeline Gurgel Barreto Maia ²

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo conhecer a relevância de Grupos de Estudos e de Pesquisa no processo de formação docente dos estudantes de Pedagogia. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, nos moldes de Stake (2011). Os instrumentos de coleta de dados foram entrevistas e observações de campo. O quadro teórico utilizado baseou-se nas ideias de Cohan & Lotan (2017), Anastasiou & Alves (2004), bem como Freire (1996) e Rossit (2018) que tratam sobre a importância dos grupos e das pesquisas no processo de formação docente e discente. Os dados encontrados revelaram que os grupos possuem importância capital no processo formativo dos alunos, no desenvolvimento da autonomia, ampliação da visão social dos fatos educacionais encontrados na realidade e que estes são, por vezes, os únicos locais de acesso a produção de ciência e escrita científica que os discentes possuem dentro da Universidade. São espaços de observação e desenvolvimento de didáticas diferenciadas, onde se verifica a relevância da afetividade e da relação entre professor e aluno nos processos de ensino e de aprendizagem e de futuras escolhas profissionais. Há precarização nas estruturas físicas oferecidas pela gestão superior e pouco investimento e incentivo por parte da administração interna e política atual. Por fim, entende-se que os grupos de estudos e de pesquisas colaboram na sustentação do tripé ensino, pesquisa e extensão, a qual a Universidade precisa focar suas ações.

Palavras-chave: Grupos de estudo, grupos de pesquisa, formação docente, formação discente, pesquisa e ensino.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo conhecer a relevância de grupos de estudos e de pesquisa no processo de formação docente dos estudantes de Pedagogia. O interesse por seu desenvolvimento, veio ao considerar que estes grupos configuram-se como espaços formativos relevantes no processo de formação docente, oferecendo momentos de discussões que vão além do que tradicionalmente se propõe nas salas de aula da Universidade. Contudo, percebe-se que esses espaços não são suficientes para abarcar todos os alunos que desejam participar, seja pela quantidade de vagas ofertadas, horários ou pelas bolsas que não são suficientes para atender a quem deseja se envolver em um estudo de pesquisa. Dedicar-se a

¹ Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, suelayne26@hotmail.com;

² Professora orientadora: Doutora em Educação Matemática pela PUC/SP, Professora do Curso de Pedagogia - UVA, madelinemaia@yahoo.com.br

esta atividade exige tempo dos acadêmicos e portanto, podem os impedir de trabalhar em outro local para se sustentarem. Diante desta realidade, julgou-se relevante seu estudo e aprofundamento nas discussões.

A UVA tradicionalmente é uma universidade que forma professores e que têm cerca de 90% dos seus egressos compondo a Educação Básica de Sobral. Esta cidade tem se destacado no âmbito educacional brasileiro, pelos resultados positivos nas avaliações externas em nível nacional e até internacional. Deste modo, falar sobre formação docente no âmbito da UVA na cidade de Sobral e conhecer seus aspectos influenciadores é essencialmente importante e relevante academicamente. Os tópicos seguintes relatam os caminhos metodológicos seguidos e os dados encontrados a partir da teoria e do campo observado.

METODOLOGIA

Esta investigação tem cunho qualitativo, do tipo estudo de caso. De acordo com Stake (2011) este tipo de estudo traz um raciocínio baseado principalmente na percepção e na compreensão humana.

Neste sentido, foram realizadas observações em grupos de pesquisa e de estudo que voluntariamente aderiram a investigação, ao mesmo tempo que se aplicou questionários que confirmassem ou refutassem as percepções encontradas. A realidade estudada foi especificamente do curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, tendo em vista ser o curso da pesquisadora.

Ao todo o Curso de Pedagogia têm 10 Grupos de Estudos e de Pesquisas, sendo 4 somente de Estudos, 1 de pesquisa e 5 de Estudo e de Pesquisa ao mesmo tempo. Os grupos são: **GPADEP** - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Acessibilidade, Deficiência, Práticas, Pedagogia e Educação; **GEPECJU** - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Culturas Juvenis; **GPEEMAT**- Grupos de Pesquisas e Estudos em Educação Matemática; **GELUTE**- Grupo de estudos Lutas Universitárias; **GEPAR** - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Afetividade; **Grupo de Estudo GRAMSCI e a Formação do Educador**- Grupo de estudos Gramsci e a formação do educador; **GEPAS**- Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto) Biográficas; **MEDUC**- Grupo de Pesquisa em História e Memória Social da Educação e da Cultura; **GTSSP**- Grupo de Estudo Juventudes Transformação Sociais e Políticas Públicas; e, **GEPES**- Grupo de estudos e pesquisa em educação e subjetividade.

É importante ressaltar que participaram da pesquisa apenas 6 grupos e seus respectivos líderes. Como a adesão era voluntária, nem todos conseguiram participar no tempo em que o trabalho de campo estava sendo realizado, da mesma forma, houveram casos em que os líderes informaram não está havendo encontros neste semestre. Alguns grupos possuem mais de um professor participante, porém as entrevistas foram realizadas somente com os líderes cadastrados no diretório de grupos do CNPQ. Neste caso, a entrevista do GEPECJU foi realizada com uma professora pertencente ao curso de Ciências Sociais. Junto aos líderes, realizou-se uma entrevista semiestruturada. Os participantes aqui, também aderiram de forma espontânea. Os que colaboraram foram: GPEEMAT; GEPECJU; GEPAR; GEPADep; GELUTE; GRAMSCI. Os grupos MEDUC; GTSSP; GEPES não estão ativos neste semestre e o grupo GEPAS não disponibilizou horário para a coleta de dados.

Diante desta realidade, foram aplicados questionários junto aos participantes (discentes) dos grupos que se prontificaram a colaborar com a pesquisa. As informações coletadas foram categorizadas e os dados relevantes constam nos *resultados e discussões*.

OS TRABALHOS EM GRUPO, SEU DESENVOLVIMENTO E PAPEL NOS ESPAÇOS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM NA UNIVERSIDADE

O trabalho a partir de grupos de pesquisa e estudos são explorados por Cohen & Lotan (2011) e Anastasiou & Alves (2004), que foram utilizadas para embasar teoricamente este estudo. Foram consideradas ainda ideias de Rossit (2018) no que diz respeito a importância dos grupos de pesquisa nas Universidades e de Paulo Freire (1996) acerca da autonomia a ser desenvolvida em âmbito educacional e que é relevante em espaços formativos grupais.

De acordo com a teoria, viu-se que os grupos de estudos e de pesquisas são espaços de formações constantes, onde participam alunos e professores, efetivando discussões e por vezes, fazendo investigações de âmbito científico que serve à sociedade. Tal aspecto favorece a sustentação do tripé “Ensino, Pesquisa e Extensão” que a Universidade deve desenvolver.

A Universidade promove em suas atividades o diálogo, favorecendo durante a trajetória dos acadêmicos o amadurecimento de ideias. Isso colabora na construção de um olhar crítico, o que direta ou indiretamente leva a uma nova visão e transformação de mundo. Os acadêmicos ao se tornarem jovens pesquisadores e apresentarem suas descobertas ao mundo por meio de suas publicações estão assumindo um compromisso social com a

Universidade e dando um retorno a comunidade. O que mostra o quanto a escassez de recursos neste âmbito é maligna à sociedade.

Os grupos de estudos e de pesquisas proporcionam ao professor facilitador estar em contato com outras maneiras de ensinar, estimulando a vontade pela pesquisa em seus alunos. Ambos (docente e discente) terão engrandecimento profissional. Rossit et al. (2018) em seu artigo sobre grupos de pesquisa como espaço de aprendizagem, traz reflexões onde fala sobre a importância do trabalho coletivo, a oportunidade de convivência e aprendizagem compartilhada a partir de princípios norteadores e conhecimentos científicos sólidos, o que é proporcionado pelos espaços de pesquisa no âmbito da universidade. Os grupos são uma adesão de pessoas com gostos sobre uma mesma temática. É a partir do prazer em adquirir conhecimentos por um assunto que a aprendizagem vai se construindo. Neste contexto, o aluno se desenvolve também coletivamente, influenciando seu lado profissional.

Cada grupo de estudo e de pesquisa é único e possui sua própria dinâmica. Eles ocupam funções importantes dentro da universidade, e a forma que cada um vai ser conduzido é reflexo da sua temática e de seu líder. Fazem parte dos grupos de estudos e de pesquisas docentes e discentes, onde estes assumem papéis.

De acordo com Cohen & Lotan (2017), “os alunos assumem o papel de professores quando sugerem o que os outros devem fazer, quando ouvem o que os outros estão dizendo e quando decidem como finalizar o trabalho”(p. 02). A fala nos grupos é importante para o desenvolvimento da autonomia. O papel do professor da escola básica é trazer a realidade para o espaço da universidade, que será discutida e refletida em busca de um conhecimento coeso. O líder do grupo conduz os processos e dar espaço igual a todos os envolvidos. “A interação, conversa e o trabalho conjunto fornece aos alunos a oportunidade de participar e agir como membros de uma comunidade de aprendizagem” (COHEN; LOTAN, 2017, p. 11), o que se considera ser papel dos grupos na Universidade e na Educação em contexto geral.

Sobre o professor, na sala de aula, por vezes, ele não consegue ter uma aproximação melhor, mais íntima e direta com os alunos, como normalmente ocorre no grupo de estudo e de pesquisa. Alguns programas como a monitoria e os grupos de estudos vêm para fortalecer vínculos de professores e alunos e agregar aprendizagem e formação. Porém, na monitoria a aprendizagem se dá apenas entre o professor e monitor. Já nos grupos de estudos e de pesquisas a aprendizagem é mais favorável, seja pela quantidade menor de participantes e possibilidade de troca de experiências, interesses e reflexões entre os componentes. Os grupos

de estudos e de pesquisa preparam também os estudantes para futuramente saberem trabalhar em equipe na sua área de atuação.

Segundo Cohen e Lotan (2017), dentro de um grupo é importante alguns outros aspectos para proporcionar uma aprendizagem sólida e eficaz junto aos alunos, como o tamanho deles, pois este pode afetar sua qualidade e organização. “Se o grupo for grande demais, há chances de que um ou mais alunos sejam quase que inteiramente deixados de fora da interação” (COHEN & LOTAN, 2017, p. 67). A quantidade de alunos que participam de um grupo pode afetar no andamento e no desenvolvimento deste, principalmente para o desenvolvimento e elaboração da pesquisa, bem como participação e falas.

Outro aspecto que as autoras trazem é a elaboração de atividades de aprendizagem adequadas para o trabalho em grupo, que devem ser pensadas de modo a desenvolver a participação igualitária de todos os envolvidos, permitindo a necessidade de discussão entre todos e a evidência de habilidades (COHEN & LOTAN, 2017).

Diante do exposto, reflete-se a maneira como ocorrem as aulas da universidade hoje. Neste aspecto, Anastasiou e Alves (2004) refletem sobre as formas de “*fazer aula universitária*” ao afirmar que “[...] as formas habitualmente usadas não mais atendem às expectativas institucionais, no que se refere a docentes e discentes [...]” (p. 7). É preciso buscar novas maneiras de ensinar, reinventar novas técnicas, desprender-se daquela maneira tradicional e tecnicista de ensino onde as cadeiras são colocadas em fileiras ou até em círculos ou semi-círculos achando que esta é uma maneira inovadora, os alunos são submetidos a inúmeros trabalhos de leitura de textos, elaboração de resumos, fichamentos, seminários e até provas. Assim, é provável que grupos de estudos e de pesquisas mostrem à universidade novos caminhos de ensino, onde o aluno seja participativo e ativo dentro do lócus acadêmico.

Os grupos de estudos e de pesquisas surgem como um aparato de conhecimento e fonte de novos saberes, pois estes favorecem o diálogo e aprendizagem pelo debate. É necessário sair da linha onde o professor é o centro do saber, expõe o conteúdo, indica o texto e os alunos executam o programa pré-estabelecido.

Anastasiou e Alves (2004, p.13) dizem que ensinar é “buscar e despertar para o conhecimento”, ou seja, ensinar é fazer com que o aluno se aproprie de algo, transformando em saber. É esse processo de ensino e aprendizagem que as autoras chamam de “ensinagem”.

O processo de ensino exige um clima agradável, onde o professor goste do que está ensinando e tenha domínio sobre o que ensina. Assim, o educador conseguirá repassar conhecimento, ajudando o discente em sua trajetória. Para isso é preciso dedicação, pois a formação de educador é um processo contínuo.

Freire (1996) coloca que ensinar, aprender e pesquisar são processos indicotomizáveis, são práticas requeridas para a disseminação e produção do conhecimento. O caminho para fazer pesquisa é vivenciar na prática e esse processo de aprendizagem é um processo contínuo em que os estudantes evoluem na criticidade e no como fazer e elaborar pesquisas desenvolvendo-a e executando-a. Os alunos aprendem a organizar e expor suas ideias no papel, levantam reflexões e hipóteses, fazendo relação entre teoria e prática.

Formar pessoa é levar à compreensão do mundo que a cerca e a pesquisa contribui para isso. Um dos papéis dos grupos é formar um sujeito ativo nas decisões que pense e, dialogue de acordo com suas críticas, desde a escolha do grupo em que deseja estar e os assuntos a serem debatidos. Dentro desta realidade, os grupos de estudos e de pesquisa são espaços formativos ricos de aprendizagem, favorece a autonomia, o engajamento dos alunos e professores e promove aprendizagem cooperativa entre Educação Básica e Ensino Superior. Diante do exposto, a realidade encontrada no Curso de Pedagogia da UVA mostra que nos grupos há uma relação de retroalimentação em relação ao conhecimento produzido, onde professores e alunos trocam saberes e experiências. As descobertas realizadas constam no tópico seguinte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As reflexões aqui expostas surgiram das entrevistas e observações coletadas junto aos grupos da UVA, no curso de Pedagogia. A partir das descobertas realizadas, cruzou-se as informações com a teoria, no sentido de atingir o objetivo deste estudo. Participaram da pesquisa 73 acadêmicos do curso e 05 professores, que são os líderes responsáveis pelos grupos de estudos e de pesquisa que se disponibilizaram a colaborar com esta investigação. Os dados foram categorizados e constam a seguir.

1. A Visão dos alunos sobre os grupos de estudos e de pesquisas

Neste tópico aborda-se a visão dos alunos participantes em relação ao objeto desta pesquisa. As informações coletadas foram organizadas em sub-categorias detalhadas adiante.

1.1- Dinâmica de Funcionamento

Essa categoria apresenta discussão a respeito de como os grupos funcionam e como são as atividades, os espaços, bem como o envolvimento e a participação dos alunos.

Os grupos possuem dinâmicas diferenciadas, são elas: palestras, leituras de textos, oficinas, rodas de conversas, discussões sobre uma temática, análise de conhecimentos com

questionamentos, slides, dinâmicas interativas com os alunos, onde estes são colocados diante de problemas a serem explorados. Tais fatos podem ser comprovados a partir das falas: “ O professor traz textos e dinâmicas. E nos influencia a estudar” (GEPAR 8); “A dinâmica de funcionamento é bastante interativa e aberta” (GPEEMAT 5). Percebe-se que os alunos além de estarem em contato com outras formas de aprender, são estimulados a estudar mais, isso acontece por exemplo, quando o professor pede que o aluno procure um texto no site scielo sobre o assunto e traga para o grupo. Este está influenciando o aluno a ir atrás de conhecimentos científicos, desenvolvendo um perfil mais criterioso e investigativo sobre algo.

Por outro lado, os alunos trazem relatos sobre os espaços de funcionamento dos grupos, caracterizando-os como "precário e ruim" e, a depender do local que acontece o encontro, já que nem sempre há local fixo, este se tem condições boas e for climatizado, são considerados bons. As falas dos participantes comprovam tais afirmações: “É um pouco precário, pois não se consegue em alguns espaços onde os encontros acontecem, comportar de maneira confortável os alunos” (GEPADep 3); “Não temos um espaço para o grupo, e geralmente o ambiente é improvisado” (GEPADep 4).

Para Lotan e Cohen (2017) “[...] os alunos precisam de espaço adequado para trabalhar. A falta deste, pode resultar em desinteresse e no fracasso geral dos projetos [...]” (p. 72). Diante disto, o que se nota é que um ambiente favorável a aprendizagem é aquele que tem uma boa relação entre os participantes e um local confortável. Contudo, infere-se que mesmo com situação precária, o interesse pelas discussões faz com que os alunos não desistam e vá aos encontros, o que mostra a importância do que se propõe e se discute.

É relevante apontar ainda que, durante o processo de coleta de dados desta pesquisa, houve um impasse entre os professores do Curso de Pedagogia e a Pró-Reitoria de Administração da Universidade, pois fora solicitado que as salas em que os grupos funcionavam fossem desocupadas, para que outro curso ocorresse naqueles espaços. Isso mostra a prioridade que a Universidade e sua atual gestão vem dando a pesquisa, já que não fora oferecido de imediato, um local determinado para o desenvolvimento das atividades em exercício. A universidade não pode se fechar no ensino, dando a este papel supremo na ação docente. Após alguns movimentos de reivindicação, a administração superior cedeu outros espaços que embora menores, estão atualmente em reforma.

Dentro desta realidade, os grupos de estudos e de pesquisa da Pedagogia optam, de acordo com os professores, por ter seus encontros em salas de aula, no pátio ou sala dos professores caso não estejam acontecendo aulas ou reuniões nestes locais. Isso porque as atuais salas disponibilizadas para os grupos não oferecem estrutura necessária, nem suficiente

para a aprendizagem dos estudantes. Tem-se salas mofadas que podem até prejudicar a saúde de alunos e professores, com cupim e onde o ar condicionado não funciona como deveria.

Quanto aos horários dos grupos, os alunos têm opiniões bastante parecidas em relação a flexibilidade. A maioria respondeu que estes são adequados e atende a realidade. Dos que colaboraram, 52 alunos responderam que os horários são bons, são flexíveis e não atrapalha outras atividades. A maioria dos grupos são no turno da tarde. Já 15 alunos responderam que não gostavam, porque os grupos na parte da manhã prejudicam os alunos que estudam neste turno e que sentem dificuldades por conta dos ônibus que transportam os alunos para municípios circunvizinhos. Dentro deste número de alunos, alguns argumentaram que os grupos poderiam ser a noite para facilitar nos casos citados. Seis alunos responderam que o intervalo de tempo entre o grupo e as aulas são grandes e atrapalha. No geral os dados mostram que os horários estão adequados e que isso possibilita o desenvolvimento de atividades pertinentes aos grupos e a academia de uma forma geral.

1.2 – Conhecimento dos Grupos

Essa categoria discorre sobre quando os alunos souberam dos grupos de estudos e de pesquisas no curso de Pedagogia na Universidade. A pergunta realizada foi: em qual período você teve conhecimento que os grupos de estudos e de pesquisas existiam dentro do curso?

Cerca de 41 alunos souberam no primeiro período. Um total de 27 adquiriram informações ao longo dos semestres e 5 não souberam responder a pesquisa. Observa-se que a maioria dos alunos tem conhecimento dos grupos logo no início de sua trajetória acadêmica, pois estes em sua matriz curricular têm uma disciplina que apresenta o que eles estudarão ao longo de sua graduação, bem como monitoria, disciplinas optativas, etc. Contudo, de início eles não se envolvem tanto na proposta, apenas quando há um conhecimento maior acerca dos assuntos específicos de que tratam o curso de Pedagogia ou quando se identificam com um professor ou o que ele aborda na disciplina regular. Houve ainda um aluno que disse haver divulgação do grupo pelas redes sociais e que isso foi importante para que ele procurasse o professor para saber mais. Tais fatos evidenciaram que, por conta do interesse próprio, os alunos se sentem bem nesses espaços formativos e que isso ocorre com mais frequência do que por exemplo, nos espaços das salas de aula efetivamente. Neste caso, os grupos de estudos e de pesquisas proporcionam momentos enriquecedores. Os alunos ultrapassam os muros da Universidade em relação a aprendizagem, dando retorno à comunidade, seja pela participação em eventos locais, regionais ou nacionais, dando visibilidade para a Universidade e a pesquisa como um todo, além de proporcionar uma outra realidade aos estudantes.

Segundo Cohen e Lotan (2017), o trabalho em equipe possibilita qualidade ao ensino e a aprendizagem. Por meio das trocas de saberes dos alunos, bem como os saberes dos professores, ampliam-se horizontes acadêmicos. Isso mostra que as estratégias de trabalhos em grupos extrapolam possibilidades e geram novas experiências.

1.3 - Motivação para escolha dos grupos

Essa categoria vem mostrar os motivos que levam os alunos a participarem dos grupos de estudos e de pesquisa. Estes são variados, aos quais pode-se destacar, de acordo com as observações de campo, o desejo por conhecer a temática; aprofundar conhecimentos; influência de amigos; ganho de carga horária complementar; engajamento com a pesquisa. Algumas falas podem ser destacadas:

“Por ser temática que quero trabalhar meu TCC” (GEPADep 6). “Porque os temas estabelecidos para discussão vão ao encontro do meu interesse e proporcionam um maior desenvolvimento na minha formação” (GEPECJU 3). “Escolhi participar do grupo de estudo em educação matemática depois que cursei a disciplina de construção do número na criança e ver que estamos trabalhando o ensino de matemática de forma não muito satisfatória” (GPEEMAT 5).

Para Anastassiou e Alves (2004) é preciso estabelecer relações de parcerias nos grupos, onde cada indivíduo tem seu papel, seja expositor, relator ou outro. Já nos grupos da universidade não são delegadas funções e sim a colaboração em todos os processos das atividades desenvolvidas. Um exemplo são as rodas de conversas, onde os membros discutem um texto, mas todos colocam seus posicionamentos e constroem suas ideias.

Os membros dos grupos estabelecem vínculos afetivos e é por meio dessas relações de amizades que são criadas as aprendizagens que as tornam significativas. A construção de conhecimentos depende de o indivíduo saber estabelecer conexões, aliar teoria e prática, e as interações por meio do grupo ajudam. Os alunos têm referências de textos com diversos autores, mas também podem trocar experiências por meio dos debates.

1.4 - Contribuição dos grupos para a formação

Esta categoria aborda (1) as contribuições do grupo para a formação dos pedagogos; (2) a importância que os estudantes atribuem a estes grupos; e, (3) o desenvolvimento de pesquisas/trabalhos científicos pelos alunos a partir dos grupos.

Para os alunos, os grupos possibilitam aprendizado vinculado a prática profissional, estão relacionados a atualidade, a sociedade e a contextos em que estarão inseridos. Evidencia-se então que, situações surgidas nos grupos, revelam ser mais significativas para a formação profissional dos estudantes, pois são mais vinculadas a contextos do cotidiano.

Em relação a importância que os alunos atribuem aos grupos de estudo e pesquisa, encontrou-se: o aprofundamento de determinada temática e também o fato de que se constitui em uma atividade extracurricular que extrapola a realidade exclusiva das disciplinas e programas da universidade e permite refletir sobre o papel do educador na sociedade. Os dados podem ser confirmados nas falas seguintes:

“Os grupos de estudos permitem aos alunos o aprofundamento de temas que são tratados de forma muito superficial em outras aulas” (GEPADep 3). “É através de atividades acadêmicas como estas que o aluno em processo de formação enriquece seu conhecimento e seu discurso” (GEPECJU 3). “A importância de fortalecer a pesquisa científica. Ápice para o meu processo de atuação dentro da Universidade, foi a partir da participação em grupos de Estudos que pude ter olhares sobre as inúmeras trajetórias estudantis. Um olhar mais cuidadoso do ser professor” (GEPECJU 6).

Neste sentido, Anastasiou e Alves (2004) fala sobre a necessidade de se ultrapassar os limites das disciplinas dos cursos formativos da universidade, pois é preciso o uso de estratégias investigativas, o estudo de temas que busquem a resolução de problemas, que fundamentalmente se apoiam na pesquisa e que os alunos direta ou indiretamente, apontaram.

É fundamental que os alunos exercitem desde o início da graduação a escuta, uma vez que um professor compreensivo, afetuoso e dialógico potencializa o aprendizado em sala de aula, como pode ser percebido em trechos anteriores deste estudo. Deste modo, a inserção dos alunos em grupos de estudo e de pesquisa colabora na sua iniciação à docência.

2. A visão dos Professores

Neste tópico aborda-se a visão dos professores em relação ao objeto desta pesquisa. É preciso instigar nos alunos à necessidade de se tornarem educadores- pesquisadores e os grupos incentivam a isso. Os alunos aprendem a se posicionar e argumentar diante de situações críticas e referendadas. Os participantes aprendem a ser autônomos diante da pesquisa, formam suas próprias hipóteses e opiniões, tendo a necessidade de uma busca com um fim. Eis a visão que os professores líderes dos grupos apresentaram e que foram ao encontro de muito do que os discentes colocaram.

2.1- Escolha do tema gerador dos grupos

Os grupos em sua maioria são recentes, com exceção do GEPAR e GEPECJU. Isso mostra que há pouco tempo os alunos têm acesso as aprendizagens diferenciais e complementares de pesquisa que tanto demonstraram ter vontade de se envolver. Percebeu-se que os grupos surgem por vontades e interesses próprios dos líderes, conforme fala da responsável pelo GELUTE/GRAMSCI, ao dizer que criou os grupos por causa do doutorado e mestrado e pela necessidade de formar politicamente os estudantes.

Contudo, embora a decisão inicial seja do líder, no momento em que o grupo passa a funcionar, a necessidade de troca e interação entre todos transforma a motivação em interesses coletivos, conforme Anastasiou e Alves (2004), quando dizem que isso deve ser um salto da era da individualidade para a era da grupalidade. A existência desses grupos na Universidade é um espaço de mudança que precisa evoluir cada vez mais, porém dentro do curso de pedagogia da UVA isso parece ser muito recente e ainda aquém das necessidades dos alunos e do mundo em que vivemos.

2.2- Diferença entre grupo de estudo e de pesquisa

Conforme visto no início do trabalho, os grupos podem ser de Estudos e de Pesquisa. De acordo com a fala dos professores, os próprios procedimentos de formação dos grupos de pesquisas são mais rigorosos e os de estudo nem tanto. Os de pesquisa precisam ser cadastrados na plataforma CNPQ e desenvolvem estudos científicos, seguindo um rigor maior. Alguns podem ter financiamentos e devem ser constantemente atualizados no diretório de grupos do CNPQ, conforme colocado por GEPADep, GEPECJU, GPEEMAT.

Já para o Líder do GEPAR, os grupos de estudos são mais abertos ao debate. Na verdade, nos dois casos os professores tem obrigações seja de desenvolver projetos, passar frequências, elaborar relatórios, etc. Porém, nos grupos de pesquisa as responsabilidades aumentam, pois o professor tem uma série de protocolos a cumprir para manter o grupo ativo e os de estudos envolvem mais leituras e discussões teóricas (GPEEMAT). Segundo Freire (1996), “ensinar exige pesquisa e a pesquisa não existe sem ensino”(p.29), assim pode-se dizer que na UVA, ambos os tipos de grupos se complementam.

Para os professores, os grupos de uma forma geral, contribuem não só para a formação dos alunos, mas dos docentes também que estão em constante processo de aprendizagem e terminam por descobrir espaços e assuntos de suas próprias pesquisas. Os grupos proporcionam trocas de conhecimentos entre discentes e docentes, além de instigar a participação em eventos científicos. Abre-se possibilidades novas. Os alunos por meio dos grupos, sejam de estudos ou de pesquisas, publicam artigos, escrevem mais do que normalmente ocorre na realidade exclusiva da sala de aula.

Diante deste cenário, entende-se que tanto na visão dos alunos como dos professores os Grupos de Estudos e de Pesquisas são fundamentais no processo formativo de todos os envolvidos e é algo que aproxima a Universidade de sua comunidade. São espaços realmente de produção de conhecimento, de ensino, pesquisa e extensão. Contudo, há desafios a serem vencidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se que os grupos são relevantes para os alunos e professores, pois são espaços formativos para a pesquisa, para o ensino e dão ainda aos discentes, capacidade em lidar com situações de vida profissional.

Os alunos têm consciência da importância dos grupos, embora ainda sejam poucos os que existem e estejam em atividade. Eles são recentes na Universidade, mais especificamente no curso de Pedagogia e há muito o que melhorar na sua estrutura e funcionamento.

As estratégias de trabalho nos grupos são positivas e abrem repertório didático para aqueles que serão futuros professores. Da mesma forma, a aproximação entre os participantes nesses espaços, evidenciam a relação professor e aluno como relevante no fazer educativo.

Algumas realidades só são possíveis dos alunos entenderem, quando estes tem oportunidade de se envolver em atividades de grupos de pesquisas e estudos. Nem sempre na matriz curricular dos cursos é possível ter acesso a pesquisa e extensão, por exemplo.

Por fim, vislumbrar uma formação em nível de mestrado e doutorado para alguns só se torna viável se eles estiverem inseridos nestes espaços formativos desde a graduação, pois somente as disciplinas não dão conta de formar o pesquisador.

Dar visibilidade para esses grupos é modificar a vida dos estudantes, ampliar seus horizontes e oportunizar a consciência de produção de conhecimentos socialmente relevantes como fator primordial no âmbito da Universidade pública e a serviço da comunidade.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L.G.C.; ALVES, L.P. **Processos de ensinagem na universidade:** pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville: UNIVILLE, 2004.

COHEN, E. G.; LOTAN, R. A. **Planejando o trabalho em grupo:** estratégias para salas de aula heterogêneas. 3ª edição. Porto Alegre: Penso, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ROSSIT, R.A.S. et al. The researchgroup as a learningscenario in/onInterprofessionalEducation: focusonnarratives. **Interface (Botucatu)**, v.22, Supl. 2, p.1511-1523. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v22s2/1807-5762-icse-1807-576220170674.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2019.

STAKE, R. E. Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011.